



UNLEASHED

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
JANE HENRY

Índice

[Página de título](#)
[Direitos autorais](#)
[Conteúdo](#)
[Agradecimentos](#)
[Sinopse](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Epílogo](#)
[Epílogo bônus](#)
[Visualização](#)
[Conheça Jane](#)

LIBERTADO
UM ROMANCE BRATVA DE INIMIGOS
SOMBRIOS PARA AMANTES

REIS BRATVA
JANE HENRY



OceanofPDF.com

Unleashed: Um Romance da Bratva sobre Inimigos Sombrios e Amantes

Copyright © 2024 por Jane Henry

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra literária de ficção. Quaisquer nomes, lugares ou incidentes são produto da imaginação do autor.

Semelhanças ou semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos, são mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

A reprodução, transmissão, distribuição ou uso não autorizado de obras protegidas por direitos autorais no treinamento de Inteligências Artificiais (IA) é ilegal e uma violação da lei de direitos autorais dos EUA.

ISBN: 978-1-961866-24-9

OceanofPDF.com

Conteúdo

[Agradecimentos](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo bônus](#)

[Visualização](#)

[Conheça Jane](#)

OceanofPDF.com

AgraDecimenTos

Um agradecimento especial às seguintes pessoas pela assistência durante a produção deste livro:

- Wander Aguiar por fornecer fotografia de modelo de capa
- Sylvia Frost da *The Book Brander* por criar o design da capa de *Unleashed*
- Haya em Designs por criar o design da capa para a *edição impressa de capa alternativa* de *Unleashed*
- Dharma Kelleher por fornecer serviços essenciais de leitura de sensibilidade
- Steph White do *Kat's Litery Service* pela edição do livro em vários rascunhos
- E, finalmente, para Jessica e Michael da *J Henry Publishing Inc.* por sempre fazerem as coisas que eu não consigo para que eu possa me concentrar em escrever o melhor livro possível.

OceanofPDF.com

Sinopse

Acordo acorrentado à cama de um estranho.

Ele diz que sou sua esposa.

Não tenho nada, nem dinheiro. Nem amigos.

Não há escapatória.

Ele é tudo o que eu nunca imaginei: implacável, calculista, temido. Um belo monstro com um rosto divino, frio e intocável. Um chefão da máfia cuja riqueza poderia comprar impérios e cujo poder faz o mundo tremer.

Meu captor.

Meu marido.

Ele jura me proteger a todo custo e em troca exige... tudo.

Meu corpo. Minha obediência. Minha submissão.

Cada toque, cada beijo brutal desperta um desejo perigoso que nenhum de nós consegue controlar. Suas palavras podem ser carregadas de veneno, mas seu toque é fogo, e toda vez que ele está perto, eu queimo.

À medida que os dias se transformam em semanas, a névoa do meu passado se recusa a se dissipar. Quanto mais luto contra ela, mais forte sou puxada para a órbita dele.

Mas à medida que minhas memórias começam a se desfazer, eu me pergunto: e se o passado do qual não consigo me lembrar for a chave para nossa destruição?

E quando a verdade finalmente vier à tona... algum de nós sobreviverá?



Capítulo 1

RAFAIL

OLHO FIXAMENTE PARA O altar frio e vazio à minha frente. Exigi simplicidade, adequada para núpcias em uma igreja sem Deus e uma união sem amor.

Um vaso de rosas brancas desbotadas, com pétalas curvadas nas bordas, repousa sobre o altar de mármore, com o aroma enjoativo quase nauseante. Sombras se apegam aos tetos altos e abobadados, projetadas por velas que tremulam em arandelas de ferro. Acima, vitrais escurecidos retratam santos e mártires em cores opacas, com seus olhos fundos fitando através da luz fragmentada.

Um leve traço de incenso permanece da missa de domingo, misturando-se ao cheiro úmido de pedra e terra velhas. Aqui, as paredes parecem absorver o som, abafando cada respiração, cada batida do coração.

Cada segredo.

O padre que meu tio convocou está diante de mim, o rosto pálido na penumbra, quase esquelético nas sombras. Seus dedos tremem ao redor do antigo livro encadernado em couro que ele segura junto ao corpo. peito; suas bordas douradas manchadas pela idade. Seus olhos se movem entre mim e o altar como se esperasse que alguma ira divina o atingisse a qualquer momento.

Ele parece prestes a desmaiar. Covarde. Deveriam ter nomeado alguém mais poderoso para cuidar de um lugar chamado Catedral dos Mártires Eternos, aninhada no coração da cidade natal da minha família, Zalivka, a poucos passos de Moscou. Quase consigo sentir os olhares de reprovação em suas imagens nos vitrais verde-floresta e vermelho-sangue.

"Relaxa, padre", digo, minha voz ressoando na igreja cavernosa. Desvio o olhar. "Não é sua culpa que ela tenha feito isso. Não vou te culpar." Ele solta um suspiro como se eu tivesse lhe concedido uma bênção. Que diabos, talvez eu tenha concedido.

Não posso evitar que minha reputação me preceda. Às vezes, gostaria que não. Facilitaria as coisas.

É, talvez não.

Consigo ver o branco dos seus olhos e não percebo que ele pigarreou dezessete vezes nos últimos cinco minutos enquanto eu esperava pela minha noiva. Ela não vem. Nem agora, nem nunca.

O pequeno grupo de amigos e familiares leais que compareceu à cerimônia permanece imóvel. Ninguém ousa se mexer. Parece que mal respiram. Faz sentido. Eles não sabem se vou incendiar esta igreja ou chamar uma multidão para persegui-la.

Nem eu sei como reagir ao ser abandonado pela minha futura noiva.

Zombado. Humilhado.

Desobedeceu.

Minhas mãos se fecham em punhos. Quando eu a encontrar... quando eu encontrar minha noiva e a arrastar de volta para mim, não vou liberar minha raiva nela. Não. Vou exigir *penitência* dela. Rendição absoluta, de corpo e alma, até que ela esteja quebrada e ligada a mim.

Do nada, o som estridente de alguém pressionando um órgão rompe o silêncio. Viro-me abruptamente, com o olhar fixo no coro, onde uma organista, de rosto vermelho e afobada, balança a cabeça.

"Sinto muito, Sr. Kopolov. Eu tropecei. Sinto muito, senhor. Isso não vai acontecer de novo."

Afasto-me dela, dispensando-a com um movimento rápido do pulso. Meus dedos percorrem a borda das minhas abotoaduras, uma antiga herança de família que pertenceu ao meu pai, e ao pai dele antes dele, e ao pai dele antes dele. Mal noto Semyon até que ele já esteja lá, uma sombra silenciosa se movendo na minha visão periférica.

Semyon está parado a poucos metros de distância, seu corpo esguio se misturando à iluminação fraca perto do altar. Vejo o brilho tênue de seus óculos enquanto ele observa a sala, seu olhar afiado e calculista, sem perder nada. Ele espera, um pequeno movimento de olhar é o único sinal de que está pedindo permissão para se aproximar. Sempre o estrategista, sua mente fervilha com o próximo passo, fria e vigilante. Aponto o queixo em sua direção, um sinal. Ele sobe os três degraus silenciosamente, sua calma em forte contraste com a tempestade silenciosa que se forma dentro de mim.

Seus passos ecoam no piso de mármore enquanto ele sobe os três degraus até onde estou, perto do altar. Alguns anos mais novo do que eu, ele se parece comigo, mas com uma constituição mais esguia.

"Ela não vem", confirmo em um sussurro baixo. Seus olhos, sempre indecifráveis, se voltam para mim e depois voltam para a entrada. Dei instruções explícitas para que o pai dela a mandasse sozinha. Não queria uma cerimônia, uma grande festa. Era um acordo transacional, nada mais, nada menos.

Anissa me abandonou.

"Previsível", murmura ele, com um leve tom de desinteresse. Ele sempre teve um dom para a neutralidade que eu invejava, uma calma capaz de perturbar até os mais experientes. Seu olhar gélido, uma promessa de retribuição. A família Kopolov sempre será uma só.

Desvio o olhar e contenho um palavrão. O ar na igreja é frio, mofado, lembrando as catacumbas que visitei quando criança. Era meu lugar favorito para ir, longe da agitação da vida familiar. Longe da opressão cruel e implacável do meu pai e da dignidade silenciosa da minha mãe.

A igreja parecia maior. Que diabos, tudo parecia maior, até meu pai.

Imagino como seria estar diante dele agora se ele ainda estivesse aqui.

Olho para Semyon e mantenho seu olhar gélido. Meu maxilar trava, cada músculo do meu corpo condicionado ao controle, mas por baixo da calma, a raiva me agarra como uma fera pronta para se libertar. *Ninguém* se mete com a família Kopolov, e o fato de Anissa ter zombado de nós não ficará impune.

Meu maxilar se contrai, meu olhar é calculista, mas, por baixo de tudo, a turbulência me invade. Observo os bancos vazios no fundo da igreja e observo meus irmãos trocando olhares rápidos e ansiosos, sem saber o que fazer a seguir.

Vou fazê-la desejar não ter vindo. Vou fazê-la desejar ter vindo como a menininha obediente que ela aprenderá a ser.

Eu farei com que ela se arrependa do dia em que me desobedeceu.

Por que ela correu?

Como ela escapou?

Apenas o som de sussurros distantes e o leve farfalhar de roupas quebram o silêncio.

"Se eu puder ajudar de alguma forma...", começa o padre. Um olhar meu, e as palavras morrem em seus lábios.

Uma risada baixa, sombria e irreverente vem dos bancos. Olho para o meu irmão mais novo. Enquanto Semyon personifica a precisão fria, Rodion é o fogo selvagem imprevisível que nenhum de nós consegue controlar completamente — para ser sincero, nem eu quero. Ajuda ter alguém como ele ao meu lado. Recostado com os braços estendidos no encosto do banco, aquele sorriso irônico e constante nos lábios e o brilho nos olhos me prometem que uma palavra é tudo o que preciso e ele alegremente incendiaria esta igreja — e torraria nossos inimigos nas chamas de alegria — se eu pedisse. Sua lealdade beira a loucura. Ele deixou a moto estacionada do lado de fora e provavelmente tem mais armas do que tatuagens, e isso quer dizer alguma coisa.

Balanço a cabeça, lanço um olhar significativo para Rodion e me viro para o padre. "Não será necessário, obrigada."

As únicas pessoas que vão me "ajudar" no que preciso fazer a seguir já estão aqui, na minha frente. Armadas e prontas.

Minha noiva esteve aqui mais cedo. Eu a vi de longe. Não devo ver a noiva antes da cerimônia, e nem eu vou mexer com a tradição. Como diz meu avô: "Superstições podem ser para crianças, mas adultos têm idade suficiente para segui-las."

Então, cumpro meu dever quando vim para cá. Não desafiaria o destino olhando para minha noiva antes da cerimônia. Virei-me ao ver o turbilhão de tecido branco e um véu transparente, ao ouvir o clique de saltos no chão de mármore do saguão. Havia apenas dois estranhos ali — minha noiva e seu guarda-costas.

Mas ela esteve aqui. E agora ela se foi.

"Alguém a viu sair?", pergunto em voz baixa para Semyon. Estreito os olhos para a porta. "É possível que ela tenha sido levada?"

Alguém ousaria levar a noiva com quem eu estava prestes a me casar? Se alguém a tocasse, se alguém tocasse num fio de cabelo daquela porra de cabeça...

"Ela não foi levada", diz Semyon. "Só encontramos câmeras de segurança no porão. Ela saiu sozinha. Pagou a guarda, arrancou o vestido e correu."

Jesus.

Olho para o padre. "O senhor não nos disse que havia vigilância por vídeo no porão, padre."

Seu livro pesado cai no chão com um estrondo. Ele gagueja enquanto tenta inventar uma desculpa. "Eu não sabia que existia", diz ele. "Não é disso que eu cuido aqui. Me desculpe. Se eu soubesse, teria te contado..."

Balanço a cabeça. "Nem eu vou trazer a fúria do inferno machucando um fio de cabelo de um homem da igreja em frente a um altar, padre", digo baixinho. "Mas não teste a minha paciência. Nem a de Deus."

Ele fecha a boca com força, seus lábios finos formando um "O" perfeito antes de engolir em seco. Ótimo. Um homem sábio sabe que às vezes o silêncio fala muito mais alto que as palavras.

Viro-me para encarar minha família, com a voz retumbante: "Estou dando um fim."

Minha irmã mais nova, Zoya, pula na cadeira, enquanto minha irmã Yana permanece sentada, ereta e imóvel. Ela me encara e me dá um leve aceno de incentivo. Firme e leal, com um olhar penetrante que parece captar tudo ao seu redor, Yana tem uma aura de calma e tranquilidade, embora, por baixo, esteja sempre pensando. Resiliência é seu nome do meio.

Zoya, no entanto, é delicada e sensível, e me sinto um babaca por fazê-la pular. Seus olhos gentis e arregalados estão fixos em mim. Merda. Ela é a única que consegue me fazer sentir culpado por levantar a voz.

Quando ela me dá aquele sorrisinho, engulo em seco e aceno, pedindo perdão. Ela inclina a cabeça, e seu olhar se suaviza — concedendo-o.

Uma família, uma luta — nunca separados.

Não sinto falta do jeito como seus dedos apertam a pequena bolsa preta fosca que ela carrega, sua herança de família. Se eu não me casar, não terei escolha a não ser casá-la, já que Yana já é casada. Só de pensar nisso eu morro de rir. Ela tem dezessete anos e ainda é uma criança aos meus olhos. Não posso fazer isso com ela. *Não vou fazer porra nenhuma.*

É por ela — é por *todos* eles — que estou aqui.

Ao lado dela, meu avô está sentado, com as costas eretas como uma vara, mas o olhar cálido e reconfortante. Uma mão nodosa repousa sobre a bengala, a outra no ombro de Zoya. Seu olhar me diz tudo o que preciso saber — ele tem total confiança de que eu vou lidar com isso.

Olho fixamente pelo vitral, uma representação brutal, porém de alguma forma bela, da decapitação de São João Batista, e passo por ele em direção ao cemitério onde minha vida mudou para sempre.

Foi lá que presenciei o enterro dos meus pais. Foi lá que enterrei minha juventude. Foi lá que me tornei guardião dos meus irmãos, herdei a riqueza da minha família e de todos os seus inimigos.

Naquele dia, fiz um voto de que seria enterrado ao lado dos meus pais antes de permitir que alguém destruísse nossa família.

E agora Anissa fez exatamente isso. O que a faria fugir de mim, sabendo que minha ira era inevitável?

Meus dedos ficam brancos onde cerro o punho, ansiando pela chance de retribuição. Solto o ar pelo nariz quando ouço passos se aproximando e uma mão pesada toca meu ombro.

"Nós a encontraremos, Rafail."

Sei que é meu tio pelo cheiro da colônia dele antes mesmo de me virar para ver. A esposa dele adora embelezá-lo como se ele fosse seu brinquedo pessoal. Porra, talvez ele seja. "Vamos. Ninguém pode se esconder da gente nesta cidade."

Viro-me e encaro o padre, imobilizando-o, determinada a manter a civilidade e o controle. "Diga-me quanto lhe devo por esta farsa, padre."

"Não, não", diz ele magnanimamente. "Sem custos, Sr. Kopolov. Eu não cumpri a tarefa para a qual o senhor me contratou."

Balanço a cabeça. "Eu aprecio isso, padre, mas é um azar excepcionalmente grande não pagar pelos serviços prestados pela Igreja. Até dívidas com Deus precisam ser pagas, ou sabemos as repercussões."

Quando ele começa a protestar, levanto a mão, com a palma voltada para ele, e suas palavras morrem em seus lábios. "E você não precisa me dar isso." Essa coisa toda de não realizar nenhum serviço ainda. Não vou trazer superstição para a minha casa." Dou a ele um sorriso sem graça, enfio a mão no bolso e tiro minha carteira. Descolei um maço grosso de notas e entreguei a ele. "Também farei uma doação para o banco de alimentos."

Boa sorte vem de doações à Igreja. Eu não desafio o destino.

"Obrigado, Sr. Kopolov", diz o padre, com a voz trêmula. O desgraçado provavelmente esperava que o teto desabasse — ou talvez esperasse que eu o atingisse. Ele não precisa se preocupar com isso. Eu não toco em um homem da igreja a menos que ele prove que merece.

"Obrigado, obrigado. E quando você encontrar sua noiva", diz ele, desnecessariamente alegre, "me avise imediatamente, e eu realizarei a cerimônia para a qual você veio aqui. Eu prometo", acrescenta ele com um sorriso.

Concordo com a cabeça e me viro abruptamente.

"Voltem todos para casa", desabotoei minhas abotoaduras e arregacei as mangas.

É hora de começar a trabalhar.

Meus inimigos rondam como predadores, farejando sangue. E assim que a notícia de que fui abandonado no altar se espalhar, eles vão se aproximar.

Nosso plano era voltar para casa e jantar na sala de jantar. Agora, em vez de um jantar comemorativo, vamos planejar nosso próximo passo. Não um ataque, mas uma estratégia.

"Voltaremos para minha casa. A comida está pronta. Discutiremos nossas opções, analisaremos as imagens e convocaremos nossos aliados. Quero que todos se reúnam em até uma hora."

Meu tio abaixa a cabeça para mim. "Sábua atitude. Eu faria o mesmo", diz ele, como se isso de alguma forma me consolasse. Certo.

Estalo os dedos e meus irmãos se levantam, com movimentos rápidos, prontos para a guerra.

"Vamos andando."



Capítulo 2

POLINA

"POLINA", diz minha mãe suavemente. Mesmo com seus olhos cinzentos e suaves brilhando para mim, ela não consegue esconder o medo que se esconde sob camadas de preocupação. Ela estende a mão sobre a mesa e segura minha mão na dela, apertando-a delicadamente antes de soltá-la. "Lembra que eu te disse quando criança que você podia ser qualquer coisa, né?"

Eu gemo. Sei exatamente do que ela está falando e aonde ela quer chegar com isso.

"Eu não quis dizer que você deveria *tentar* de tudo antes de se estabelecer", ela finaliza, com a voz em um tom de riso mal contido.

"Eu sei", digo com um suspiro. Eu deveria rir junto com ela. Lembro a mim mesma que ela me ama e quer o melhor, mas é doloroso ser o alvo das piadas da minha família. É péssimo ser filha única em uma família de homens. Quer dizer, saber que ninguém, literalmente *ninguém*, jamais tocará em um fio de cabelo meu sem atrair a ira de toda a Irmandade Romanov é... até legal, mas...

Mas eu conheço o verdadeiro medo da minha mãe. Se meu pai ainda estivesse vivo, estaria trabalhando duro no planejamento do meu casamento arranjado. Meu irmão mais velho, Mikhail, o chefe da nossa família, ainda não tomou essas medidas... *ainda*. Mas mudar os planos para uma quarta faculdade não está me ajudando.

"Eu simplesmente não sei... o que quero fazer a seguir. Nada disso pareceu *certo* ainda. Sinto como se estivesse experimentando camas como a Cachinhos Dourados, e nenhuma delas ainda serve. Entende o que quero dizer?"

Os olhos da minha mãe são suaves, mas tristes, quando ela concorda. Com um suspiro, ela coloca uma mecha do meu cabelo loiro platinado atrás da orelha. "Eu sei. Mas também sei que não temos todo o tempo do mundo, meu amor. Você também sabe disso."

Minha mãe se casou aos dezenove anos e já sabia do seu futuro antes mesmo dos meus pais trocarem votos. Ela estava destinada a ser a matriarca da família Romanov, sem esperança de uma educação universitária, uma carreira ou qualquer coisa além de ser esposa de um Romanov. Eu sei disso, e acredito que seja provavelmente mais por ela do que por mim que sinto uma necessidade tão forte de encontrar o meu lugar.

Nos últimos anos, desde que meu irmão assumiu como chefe da minha família, tentei obstetrícia, criminologia — sim, a ironia não me passou despercebida — e até estudos femininos. Nenhuma delas me convinha ou parecia apropriada para a filha mais nova de uma família de homens russos poderosos e tradicionais.

Talvez eu devesse ter estudado finanças.

"Faça você mesma, querida", diz minha cunhada Harper, piscando para mim do outro lado da sala. Ela levanta uma garrafa de um líquido âmbar e despeja um pouco em um copo cheio de gelo.

"Beber?", ela pergunta com um sorriso. Balanço a cabeça. Não gosto de beber. Como grande parte da minha vida foge do meu controle, agarro-me a qualquer mínimo de controle que consigo manter.

"Estou bem, obrigado."

"Tem certeza de que essa aqui é russa mesmo?", pergunta Harper, piscando para minha mãe. "Ela nem bebe vodca."

"Tem certeza de que essa é italiana mesmo?", brinco, revirando os olhos. "Ela nem come queijo."

"Você sabe que eu adoro queijo", reclama Harper. "Ele simplesmente não gosta *de mim*", acrescenta, triste.

"Gosto muito de você", diz meu irmão Aleksandr ao entrar na sala e se aproximar da esposa. Ele a abraça pela cintura, a puxa para o peito e lhe dá um beijo suave na testa.

"Ugh", digo sarcasticamente. "Arrumem um quarto."

"Com muita inveja?", pergunta Aleks com um sorriso malicioso. Assim como meus outros irmãos, ele não se parece em nada comigo. Incapazes de ter filhos, mas determinados a construir um legado familiar, meus pais adotaram. Enquanto eu sou clara e tão loira que meu cabelo é quase branco, meu irmão Aleks é classicamente alto, moreno e bonito. Sua linda noiva italiana, Harper, o encara como se ele fosse o rei da lua.

"Não tenho ciúmes de vocês, pombinhos", minto. Tenho ciúmes daqueles dois pombinhos. "Só acho que às vezes..."

A porta do escritório se abre com um estrondo. Harper se assusta, e seu copo se espatifa no chão, mas ninguém se move. Mikhail, meu irmão mais velho, está parado na porta, e todos nós sabemos instantaneamente que algo está terrivelmente errado.

Minha mãe se levanta, mas sua voz não vacila. Ekaterina Romanova nunca se abala. Engulo em seco e repenso minha decisão sobre a vodca.

"Misha", diz mamãe suavemente, a única palavra que encerra um mundo de perguntas. Ela só o chama pelo apelido carinhoso — *Misha* — quando está com medo. Todos sabemos que pode ser qualquer coisa. Nos últimos anos, conforme minha família ascendeu ao poder, encontramos rivais formidáveis e formamos alianças perigosas.

Também praticamos autodefesa quando fomos atacados.

Faço uma rápida contagem mental das armas que tenho comigo.

Mas Mikhail não olha para minha mãe. Ele não olha para meu irmão Aleksandr ou Harper. Seus olhos estão fixos nos meus.

Merda .

"Polina, você está em perigo. Você tem que ir."

Sinto a pele da nuca arrepiar e um arrepio percorre minha espinha. Obviamente não é a primeira vez que minha família corre perigo. Nossa, já passamos por tantas situações perigosas que já estou acostumado. Mas é a primeira vez que vejo medo nos olhos de Mikhail, e já vi o homem passar por muita coisa. E é definitivamente a primeira vez que o medo dele era por... mim.

"O que foi, Mikhail?", pergunto, grata por minha voz também não vacilar. Vou encarar o que quer que seja de frente. Não vou me acovardar.

"Você precisa ir embora. Aria descobriu algo, e você não está mais seguro aqui." Aria, esposa de Mikhail, uma hacker de classe mundial, não deixa nada escapar.

"Seja mais específico, por favor", eu digo. Do lado de fora da janela, nuvens de tempestade se aproximam. O cinza do início da noite escureceu, e Uma meia-lua ilumina o jardim em frente à casa da família da minha mãe. Quase espero que um

lobisomem uive. Tremo, apertando com mais força o moletom surrado que joguei sobre os ombros.

"Manuel Soloto, chefe do cartel na Colômbia. Ele está atrás de você. Lembra que Isabella disse que você não estava mais seguro aqui?"

"Sim, mas pensei que ela disse—"

Mikhail balança a cabeça. "Você achou que ele tinha mudado de ideia? Que se casou e se esqueceu de você? Foi mentira. Uma farsa. Ele não se esqueceu de você. Ele está atrás de você."

Tento rir, mas não consigo. "Mas vocês... Vocês sempre me protegem. Temos uma equipe inteira de seguranças. Esta casa é praticamente uma fortaleza. E vocês estão me dizendo..."

"Polina", Aleksandr retruca. Ele nunca levanta a voz para mim, mas agora quase soa como nosso pai. Eu me viro e o encaro. "Você não sabe que, se o Mikhail estiver dizendo que você não está segura, você pode confiar nele? Você sabe que ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para protegê-la. Se ele estiver dizendo que você não está segura, você tem que ir... rápido. Não é hora de responder."

Jesus. Passo um braço em volta do peito e aperto meu ombro distraidamente.

"Minhas aulas devem começar amanhã."

"Quem se importa com as suas aulas?", Mikhail dispara. "Essa é a décima vez que você pega um estudo diferente, afinal?"

Lágrimas ardem no fundo dos meus olhos, mas eu as afasto. Não é típico dele ser tão duro comigo. Sei que ele está com medo, mas não precisa ser um babaca.

"Você me ouviu", ele diz. "Temos um bunker em Manhattan."

"Um bunker?" Eu encaro, e meu queixo cai. "Você está falando sério agora?"

Fecho a boca porque minha mãe está me olhando daquele *jeito*. É muito raro ela se impor, mas percebo pela tensão dos seus olhos e pela tensão dos seus lábios que ela está prestes a fazer isso.

E naquele momento, eu odeio a minha vida. Eu a odeio com tanta força. Sim, eu tenho uma família que me ama. Irmãos, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas. Moro em uma casa linda e luxuosa. Eu pertencço a este lugar; sou um deles, e ainda assim... não consigo... ser eu mesma. Não consigo ser *normal*.

Eu daria tudo para escapar da proteção autoritária dos meus irmãos e do controle rígido da minha família. Sonho em encontrar liberdade e amor nos meus próprios termos, sem ser passada de um lado para o outro e forçada a algo que não quero. Quero independência, uma vida onde eu possa fazer minhas próprias escolhas. E sim, eles podem me provocar por estudar uma coisa atrás da outra, mas estou *tão cansada* de ser tratada como um objeto frágil e mantida nesta gaiola dourada. Quero me libertar dessa opressão com tanta força que chega a doer.

"Não, Mikhail", diz minha mãe baixinho. Ela e Mikhail trocam um olhar. Ela nunca o contradiz. Ninguém o contradiz. "Ela estará mais segura em Moscou. Você sabe que sim. Eu tenho contatos lá. Nós dois temos."

Eu esperava que ele a recusasse, mas, em vez disso, ele passa a mão pelos cabelos. Moscou é melhor que um *bunker*.

"Quanto tempo temos?" ela pergunta.

"Uma hora", diz Mikhail. "Ele já está a caminho."
Fico olhando, com a barriga revirando. Fecho os olhos e dou um beijo de despedida nas minhas esperanças e sonhos. Não vou à escola amanhã, isso é certeza.
"Polina Romanova, você me ouviu?", Mikhail me pergunta bruscamente.
Ah, que *se dane*. "Você não é meu pai!", grito para ele.
Minha mãe suspira. "Polina..."
"Não", eu digo, mantendo-me firme. "Ele não pode falar comigo desse jeito."
"Não é hora de você ficar falando besteira", rosna Mikhail, sua pele dourada adquirindo um leve tom de vermelho. Ele mal consegue conter a raiva.
Deus, eu amo meus irmãos, mas é possível amar e odiar alguém ao mesmo tempo.
Cerro os dentes. "Não *fale* assim comigo."
Ele joga as mãos para o alto. "Vou proteger a fronteira. Vou garantir que estamos seguros. Vou botar um pouco de juízo na cabeça dela", ele diz para minha mãe antes de ir embora furioso.
Harper me encara, com os olhos arregalados. "O que Soloto fará se te pegar?", pergunta ela baixinho. Ela se casou com meu irmão em um casamento arranjado, sem vê-la. E deu certo... bem. Eventualmente. Talvez este homem...
"Não vamos falar sobre isso", diz Aleksandr baixinho. "Ele não tem interesse em se casar com ela, Harper." Sua voz abaixa. "Ele não tem interesse em fazer nada que permitiríamos que alguém fizesse com ela."
O som arrepiante da sua voz me faz ficar sóbria. Preciso escapar, queira ou não. Hoje não é o dia em que me libertarei dos modos dominadores dos meus irmãos.
"O Mikhail me mandou te preparar", minha mãe diz baixinho enquanto coloca a mão no meu braço. "Eu já tinha uma mala pronta para o caso de Algo assim aconteceu." Ela sabia. Minha mãe sabia. "No chão do meu armário tem uma bolsa cor de marfim. Tem uma etiqueta de bagagem prateada nela. É sua." Ela respira fundo. "A que está ao lado é minha. Vá buscar as duas."
"Você vai comigo?", pergunto, com o coração disparado. "Sim", ela responde baixinho. "Mas tenho alguns telefonemas para fazer. Vai, Polina. Pega as malas. Vamos para Moscou."



Capítulo 3

RAFAIL

"ELA ESTÁ SOZINHA?"

"Claro que não", diz Semyon, revirando os olhos e lançando um olhar glacial. "Ela está acompanhada de uma senhora idosa e dois guardas."

"Velha senhora?" É ilógico, francamente, a menos que ela esteja empregando a tática clássica de se esconder à vista de todos, exatamente onde menos se espera. Bem no coração de Moscou, a uma curta distância de Zalivka.

"Tem *certeza* de que é a pessoa certa?", pergunto, mexendo nas abotoaduras no meu bolso, meus amuletos da sorte. Não saio sem elas.

Os olhos de Semyon se estreitam enquanto ele ajusta lentamente os óculos no nariz. Ele *nunca* comete erros. Sua precisão é perfeita em quase tudo o que faz. Meu braço direito, Semyon, é calmo e pragmático, um mestre em métodos calculados e, quando executa, infalível. Somos idênticos quando se trata de... à força bruta e ao medo como táticas eficazes, mas Semyon é o estrategista, sempre prevendo vários movimentos à frente.

"Claro que estou certo. Eu cometo erros?"

Arrogante, sim, mas ele entende do assunto. Eu o encaro enquanto ele rola as imagens e anotações no celular.

Alto e musculoso, com feições angulosas e marcantes, Semyon tem um comportamento frio, mas sereno. Ele é protetor com nossos irmãos mais novos, propenso a demonstrar seu carinho por meio de ações e não de palavras. O técnico frio por trás das operações mais bem-sucedidas do nosso império. Sei o que ele colocou em risco pela nossa família. Sei o que eu tenho. Sei que nós dois priorizamos a estabilidade da família acima de tudo, e mesmo eu sendo o mais velho e sendo tecnicamente o guardião dos outros, ele sempre se esforçou.

"Lembre-se do motivo pelo qual estamos aqui", Semyon me lembra, sempre o contraste com a minha intensidade. Ele olha o relógio, por força do hábito, antes de olhar as especificações da nossa localização no celular. "E lembre-se de quem está observando. Por mais tentador que seja, você não pode puni-la nas ruas de Moscou, Rafail, por mais que queira." Sua voz diminui e seus olhos ficam gelados. "Não importa o quanto ela mereça. Guarde isso para quando você a levar de volta para sua casa."

Inspiro pelo nariz e sei que ele está certo. Não cheguei onde estou sendo teimosa e impulsiva. Esse seria Rodion, que está parado atrás de mim agora, abrindo e fechando um canivete casualmente.

"Guarda isso", eu retruco. "Jesus." Sempre o imprudente, embora ele chamasse isso de corajoso, e sempre aquele que cai de pé. pés de gato. Mas, felizmente, ele tem algum respeito por mim.

Estreito os olhos para ele. "Rodion ." Ele solta um suspiro e, com grande relutância, guarda a faca. Ele adora suas armas. Alguns babacas se masturbam com pinups ou pornografia, mas juro que, se pudesse, o Rodion se masturbaria com sua arma.

"Qual é o seu plano?", pergunta ele, sem se dar ao trabalho de esconder um tom de ciúmes. "Levá-la de volta. Amarrá-la." Ele franze as sobrancelhas. "Castigá-la antes de fazer coisas sujas com ela?"

Minha visão fica turva enquanto a raiva pulsa em minhas veias. "Ela fodeu com a nossa família", digo com fria deliberação. "Vou *trazê* -la de volta. Vou *amarrá* -la. E *vou* puni-la."

"Porra, para de se gabar", geme Rodion. Seu sacana tarado.

"E lembre-se de que ela será sua esposa", diz Semyon baixinho. "Talvez seja do seu interesse manter... *um pouco* cordial."

"E talvez seja do meu interesse ensinar a ela quem é o homem desta porra de casa", digo com uma decisão arrepiante.

Vou mostrar a ela em detalhes vívidos por que ninguém escapa de mim. Vou fazê-la implorar por misericórdia. Vou despojá-la de toda defesa, de todo vestígio de desafio, até que ela não saiba onde termina a dor e começa o prazer. Ela aprenderá seu lugar — embaixo de mim, suplicando, desesperada, implorando. E quando eu finalmente a reivindicar, vou levar meu tempo, cada golpe um lembrete dos votos dos quais ela tentou escapar.

Semyon levanta a mão, o olhar afiado e focado à nossa frente. "Lá está ela", murmura. "Olha."

O ar está tenso, mas frio. O inverno chega a Moscou e às cidades vizinhas com força total. Viro-me para o frio glacial e procuro por ela.

O que ela está fazendo aqui? Quando meu tio soube que ela tinha sido vista, saímos do jantar imediatamente. Meu estômago ronca de fome.

Vestidos de preto, escondemo-nos no beco que margeia uma praça vazia. Um pássaro canta no alto e, atrás de portas fechadas, alguém toca violino.

Sua sombra passa por uma janela do primeiro andar. Já olhei para aquelas fotos no meu arquivo tantas vezes que ela começou a assombrar meus sonhos. A princesa siberiana, como ela se chama. Uma joia delicada e preciosa que vou quebrar.

Sim. É ela.

Originária da Sibéria, ela tem pouco mais de vinte anos, então é um pouco mais velha que minha irmã Zoya. Esbelta e graciosa, ela tem traços delicados e aristocráticos e uma tez pálida, como a neve. Seus longos cabelos, quase loiro-claros, caem pelas costas como o luar, e as fotos que vi mostram olhos azuis etéreos que revelam uma profunda fonte de emoção. Só de olhar para a foto dela, você não imaginaria que ela fosse do tipo que foge de alguém no altar. Ela parece esperta demais para uma atitude tão imprudente e desesperada.

Eu me pergunto o que ela pensa sobre mim.

Ela parece frágil, quase delicada, mas sinto um espírito ardente. Um espírito ardente que eu vou domar.

E então algo quase milagroso acontece. Damos um passo para trás quando ela entra sozinha no pavilhão. Nenhuma velha, nenhum guarda, apenas minha linda e voluntariosa noiva. Ela se levanta e olha para fora, sem nem mesmo se virar em nossa direção, e então se vira e encara seu quarto. Sua voz ecoa na noite fria e escura.

"Vou dar uma volta", diz ela baixinho. Ninguém se opõe. A mulher mais velha conversa com os guardas enquanto olha de um lado para o outro. Talvez seja um golpe de sorte, ou talvez o destino esteja nos unindo, mas observo com surpresa enquanto ela desce a escada sozinha.

Os guardas estão conversando com a moça enquanto ela sai rapidamente.

Ela é *minha*. Nunca a vi tão de perto antes, mas agora que a vi, noto a tela pálida de sua pele, seu cabelo espesso, quase branco, os ossos delicados de seus pulsos e a largura esbelta de seus ombros. A necessidade de reivindicar suas garras em mim com uma força sobre-humana.

Quero tomá-la. Puni-la pela traição, por colocar minha família e todo o meu império em risco. Ao mesmo tempo, quero agarrá-la pelos ombros delicados e sacudi-la. Que descuidada — se expondo daquele jeito, banhada pelo luar — ela é um alvo vulnerável, pronta para ser arrancada.

Ela não sabe que estou procurando por ela? Ela não tem senso de autopreservação? Observo enquanto ela se vira, a mão delicada roçando a bochecha.

Ela está... *chorando*? Ela sente algum remorso?

Ou ela sabe que qualquer resquício de liberdade que ela tem está prestes a ser roubado?

"Cerquem o perímetro", eu digo bruscamente. "Quero todas as saídas protegidas."

Mas é desnecessário. Ela parece completamente alheia ao fato de que estou aqui.

"Tem *certeza* de que é ela?", pergunto a Semyon. "Ela não parece estar com medo."

Talvez ela não tenha percebido o perigo que corre.

"Como poderia não ser ela? Ela é idêntica às fotos que temos."

"Ela é." Ela é exatamente igual à mulher da foto. Aquela que eu estava observando. Memorizei a curva esbelta do seu pescoço e imaginei meu rosto entre seus seios. Fantasiei com aquele cabelo longo e sedoso enrolado em meus dedos grossos antes de puxá-lo. A mulher é a graça em pessoa. Sua pele é tão pálida quanto as rosas que ela deixou murchando em nosso altar. *Nosso* altar. Aquele que ela abandonou. E agora ela é minha. É sobre ela que farei sacrifícios em expiação.

A mulher mais velha entra na varanda. Elas falam rapidamente em russo, e minha noiva ri. A raiva explode em meu peito. Como ela pode ser tão indiferente? Como ela pode ser tão indiferente com o que fez?

A mulher mais velha se vira bruscamente quando alguém a chama. "Não, não, essa não", diz ela em inglês. Ela sai correndo, e minha noiva a segue. Eu sei, antes mesmo que ela tome sua decisão, o que ela vai fazer, e não consigo acreditar na minha sorte. Os olhares, o jeito como ela pega sua bolsinha, o jeito como ela olha de um lado para o outro me dizem tudo o que preciso saber.

Ela inclina a cabeça para o ar, joga os ombros para trás e respira fundo como se, finalmente, tivesse alguma liberdade.

"Aproveite esse último gostinho de liberdade", digo baixinho. "É o último que você terá."

Se ela fosse minha — não, ela *é* minha — ela aprenderia que um pequeno passeio na floresta está fora de questão.

Passo o polegar pelos fios de seda no meu bolso, pronto para amarrar os pulsos e tornozelos da minha noiva. Estou com uma ereção só de imaginar isso... isso e muito mais.

Eu a trarei de volta para onde ela pertence — para casa, comigo. Vou ensiná-la que seu lugar é ao meu lado, onde ela não pode correr ou se esconder novamente. Eu posso ver agora — aquela pele pálida de porcelana tingida de rosa enquanto ela cora, seus lábios

entreabertos, ofegante quando minha mão envolve seu pescoço, apenas o suficiente para lembrá-la de quem eu sou, apenas o suficiente para que ela saiba que está à minha mercê. Eu já posso sentir o calor de sua bunda punida contra mim quando eu a fodo, seu rosto pressionado contra os lençóis e minha mão em suas costas, segurando-a. Ela vai pensar que está à beira da insanidade, implorando por libertação, mas eu a manterei ali enquanto eu precisar ter certeza de que ela sinta sua punição.

Reivindicarei cada centímetro do seu corpo perfeito e doce. Farei com que ela estremeça sob mim, grite meu nome enquanto ela arranha minhas costas e implora por misericórdia que não concederei até que ela saiba que é *minha*. Ela sentirá isso nos ossos e ansiará pelo meu controle. Quando eu terminar, ela nunca mais questionará quem a possui.

Sem aviso, seis russos enormes aparecem. Falam em seus walkie-talkies, com a voz rouca. Eles cometeram um erro, deixando-a fora de vista. Eu os puniria até a morte por isso.

"Jesus. *Vai*. Não sei por que você está esperando", diz Rodion.

Ele é o curinga da família. Charmoso, imprudente, impulsivo — ele se mete em encrenca desde que o conheço, e tornou meu trabalho como seu guardião muito mais difícil. Mas, para ele, seu carisma natural lhe permite escapar de quase tudo. Sua sede insaciável por emoções e aversão à responsabilidade me mantêm alerta.

Penso no que ele diz por meio minuto. Eu poderia entrar correndo, tomá-la para mim, lutar contra eles. Arrastá-la de volta pelos cabelos e meter uma bala entre os olhos de qualquer homem que tentasse nos impedir...

"Porque eu entendo a reação negativa que isso causa ao resto de nós. Gosto de ter autocontrole, Rodion."

Ele estreita os olhos para mim. "Se fosse eu, não demonstraria fraqueza. Não sou mais o garoto que você pensa, Rafail."

Cerro os dentes e vou responder, mas Semyon chega até ele primeiro.

"Rafail é o líder do submundo e da nossa família, Rodi", diz Semyon friamente. "Ele sabe que não deve agir de forma imprudente."

Observo seus guardas trazê-la de volta para dentro. Ela é impulsiva, xingando-os em russo. Ouço uma porta bater. Passo os dedos pelos fios sedosos dos laços no meu bolso mais uma vez e formulo meu plano.



Capítulo 4

POLINA

É lindo aqui em Moscou, mas não me sinto em casa. Quero voltar para casa, para The Cove, onde fui criada. Sinto saudades do ar salgado do mar, do mundo mais simples, preto e branco, tão familiar. Mesmo que minha família, principalmente meu irmão mais velho, esteja me deixando louca, eu gosto de lá. Meus irmãos já se casaram e eu adoro as esposas deles. Somos um grupo unido e amo todas as minhas cunhadas. Sinto falta delas.

E é interessante ver minha mãe em Moscou. Ela tem história aqui — amigos e alguns familiares, e todos querem vê-la. Mas ela quer manter nossa presença discreta, então, desta vez, nossa visita é quase secreta. Estamos em um pequeno apartamento nos arredores de Moscou, o que é, sem dúvida, uma mudança agradável. Estou acostumado a morar em uma casa grande, com muitas pessoas que trabalham para nós, e é estranhamente bom fazer coisas como preparar minhas próprias refeições e saber que as únicas pessoas que trabalham para nós são nossos guarda-costas.

É impossível pedir liberdade aos nossos guardas vigilantes. Eu não conseguiria escapar dos seus olhos vigilantes nem se tentasse. Eles estão aqui para me manter segura.

Não é sempre que vejo medo nos olhos do meu irmão. Mas ele não estava só com medo — ele estava apavorado. Durante todo o caminho até aqui, fiquei olhando por cima do ombro.

Aqui em Moscou, não conheço os guardas — homens mais velhos, amigos da minha mãe. Ela diz que eles trabalharam com meu pai antigamente. Estou um pouco surpreso com essas outras pessoas que minha mãe escolheu, porque elas não são tão ágeis e jovens quanto os guardas lá de casa. Mas há uma eficiência brutal que eu nunca tinha visto antes.

Um deles só fala russo, o que agrada minha mãe. Ela adora sua língua nativa, e raramente a falamos em casa. Ele é mais alto do que eu, com uma estrutura grande, mas quando você olha de perto, há manchas senis em suas mãos, e sua pele parece couro bem gasto. Ainda assim, há um cálculo frio em seus olhos que me diz que ele não vai parar por nada para fazer seu trabalho. E suponho que seja isso que meus irmãos mais querem. O outro é mais alto, seu cabelo grisalho penteado para trás de uma testa larga. Cicatrizes correm ao longo de sua bochecha, pelo pescoço e sob a camisa que ele usa perto da pele. Ele é um soldado que provou seu valor em batalha, embora a guerra que ele lutou provavelmente tenha sido décadas atrás. Ambos os homens não falam conosco. Ambos montam guarda. Ambos são como sombras que nunca desaparecem completamente.

E ambos precisam dormir, o que funciona bem para mim.

Não sou tolo nem impulsivo, mas gosto de um pouco de espaço e não posso ser culpado se quiser dar uma caminhada.

Então, bem cedo, numa sexta-feira de manhã, dois dias depois de chegarmos a Moscou, saio da cama e visto uma calça de corrida e uma regata. É lindo aqui em Moscou de manhã cedo, especialmente na parte mais isolada onde estamos. As manhãs são mágicas, como se o mundo prendesse a respiração para o amanhecer.

Quando eu era pequena, costumava fingir que as fadas dançavam ao amanhecer, espalhando pó mágico sobre o orvalho. Aleksandr, meu irmão pragmático, explicava em termos brutalmente científicos o que realmente acontecia, mas eu simplesmente dizia a mim mesma que ele ignorava os costumes das fadas. E mesmo agora, adulta, gosto de imaginar como minha respiração se transforma em vapor, a neblina matinal engole meus passos e como até meus pensamentos parecem oscilar de um para o outro, o que significa que há algo mágico no amanhecer.

Então saio pela porta e calço os tênis de corrida que deixei na entrada.

Claro, não deveria me surpreender que eu não vá muito longe.

"Aonde você pensa que vai?", pergunta uma voz rouca em russo atrás de mim. Cerro os dentes.

"Saí para correr. Quer se juntar a mim?"

"Eu não corro, então você também não."

Ah, não, ele não. "Eu sim, então acho melhor você se recompor."

Ele xinga atrás de mim quando começo a me aquecer. E, felizmente, ele tem razão. Ele não corre. Ele é péssimo nisso.

Finalmente, um gostinho de liberdade. Posso correr mais rápido que esse desgraçado.

Mesmo que ele me pegue, tenho treinamento de defesa que minha cunhada Isabella me ensinou, muito obrigada.

O primeiro quilômetro sempre me faz sentir sufocante, mas eu me inclino para ele, respirando fundo e esperando que esse momento chegue — e então chega. Eu acelero. A adrenalina me percorre. Respiro mais livremente, o suor forma minha testa e um vento matinal beija minha pele. *Isso ...* Liberdade. Há algo em forçar meu corpo, o vento no meu cabelo, a sensação da minha pele, que me faz sentir viva.

Meu guarda grita atrás de mim, mas eu digo por cima do ombro: "Se você quiser ficar perto de mim, apresse o passo."

Viro a esquina e a luz do sol quase me cega. O sol começa a nascer, dedos alaranjados de luz beijando o chão ao meu redor. É lindo. Grávido de possibilidades, mas, ao mesmo tempo, enquanto o nascer do sol pinta o céu em um laranja e amarelo vibrantes, percebo que não estou sozinha, e definitivamente não é meu guarda-costas que está me seguindo.

Um segundo par de passos combina com os meus. Não, não combina.

A pessoa atrás de mim está correndo mais rápido que eu.

Meu coração dispara porque agora estou diante de um dilema. Preciso correr mais devagar para que meu guarda me alcance, mas quem estiver atrás de mim alcançará primeiro.

Cometi um erro. Um erro gravíssimo.

À minha frente, há um pedaço de verde, um pequeno parque aninhado em uma área isolada de Moscou, ladeado por prédios de tijolos. Eu poderia alugar um dos prédios, mas todas as residências estão fechadas no momento. Correr até o parque pelo menos me daria uma visão de quem está me seguindo. Faço uma curva fechada para a esquerda, o cheiro de flores preenchendo meus sentidos. Uma senhora idosa, com uma bengala na mão direita, segura uma guia de cachorro na esquerda. Seu cachorrinho nos olha surpreso e ladra. Eu passo correndo por ela, olhando para trás.

Merda. Eu não estava errado. Meu pulso dispara. Um homem corre atrás de mim, vestindo uma camiseta branca sem mangas, calças largas de corrida Adidas azul desbotadas e tênis de corrida. Não perco tempo olhando com muita atenção, mas daqui, consigo dizer que ele é musculoso — musculoso e coberto de tinta. *Porra ...*

Ele está me perseguindo.

Mesmo enquanto corro, noto como todos os transeuntes olham para mim, com a atenção fixa no homem que me persegue. Será que não têm ideia do que ele está fazendo? Uma jovem joga o cabelo por cima do ombro como se estivesse tentando chamar a atenção dele, e outra dupla para de falar no meio da frase. Uma solta um rosnado baixo de aprovação, e a outra cobre a boca, rindo, com os olhos fixos no modelo de perfeição masculina que está atrás... *de mim* .

Meu Deus, eles não veem o quão perigoso ele é? Ou é isso que os deixa cegos para o perigo que corro?

Abaixei-me sob uma treliça coberta de trepadeiras, com a mente a mil. A princípio, quando ouvi aqueles passos, tive as dúvidas de sempre. Talvez fosse só alguém correndo. Talvez ele não soubesse quem eu era. Mas bastou olhar para aquele homem para eu perceber que todos os meus medos estavam certos — ele me conhece, está atrás de mim e não passa de um macho alfa com uma missão.

Porra . Eu não trouxe uma arma comigo. Mas sei como fugir se ele me pegar. O que mais posso fazer? Mais uma olhada por cima do ombro e, desta vez, percebo que ele está perto o suficiente para... Olha nos meus olhos. Perto o suficiente para que seu olhar se fixe no meu — sombrio, ameaçador... me engolindo por inteiro.

Um medo intenso percorre meu peito no momento em que seus olhos escuros se encontram com os meus. Estou longe demais para distinguir a cor, mas não importa. São escuros e sem fundo, um abismo pronto para me puxar para baixo. Algo em seu olhar me penetra profundamente, um laço invisível em volta da minha garganta. Não é apenas a ameaça, mas o poder puro, o controle absoluto que arde em seus olhos, desafiando-me a desafiá-lo. Meu pulso acelera e o calor sobe à superfície da minha pele. Ele não está apenas me observando. Ele está *atrás de* mim com a mira de um atirador de elite. Nada naquele olhar me diz que tenho chance de escapar. É uma promessa de que ele vai me pegar — e quando o fizer, estarei totalmente à sua mercê.

Minha adrenalina dispara e tento correr mais rápido. Mas não é rápido o suficiente. Ele nem está sem fôlego, e sinto como se meus pulmões fossem explodir. Parece que ele está correndo.

Uma rua movimentada. Olho por cima do ombro novamente, e ele está tão perto de mim agora que consigo ver a ampla extensão de seus ombros, molhados de suor, os músculos definidos de seus braços e peito. À minha direita, duas mulheres em roupas de ginástica correm em ritmo lento. Uma sorri para a outra e murmura algo, e as duas mulheres olham com apreciação para o homem atrás de mim. Há algo nele que diz " *macho atraente e cru*" — *enfeitem-se, moças*. Elas não veem a ameaça em seu rosto?

Meu Deus... O que ele tem na mão? Uma corda? É uma *corrente* ?

"Pare!", ele ordena, com a voz grave e rouca. Outra mulher próxima o observa com os olhos arregalados, o espanto estampado em suas feições. Sim, sim, ele é a perfeição sensual e masculina, mas elas não percebem que ele é perigoso?

Continuo correndo. "Eu sei quem você é. Você sabe o que fez. Pare."

O que ?

Não há mais para onde ir. À minha frente, estão os muros de tijolos vermelhos do Kremlin, símbolo do poder e da autoridade russos. A visão dos guardas patrulhando à minha frente aumenta minha necessidade desesperada de ajuda.

Por que eu protestei tanto contra a proteção opressiva dos meus irmãos? Eu daria qualquer coisa por um deles agora mesmo.

Na minha frente, vejo uma rua movimentada, com passageiros que saem cedo pela manhã correndo para chegar ao escritório.

Decido correr quando o impensável acontece: ele me agarra. Grito quando ele me agarra pela cintura por trás e me puxa contra a parede dura do seu peito. Grito novamente, lutando contra ele, quando uma mão pesada e áspera bate na minha boca. Um homem à minha frente se vira e começa a se aproximar. "Ei...", ele começa, mas dá uma olhada no rosto do meu captor e *corre*.

Oh meu Deus.

Sua respiração está quente em meu pescoço enquanto ele sussurra para mim: "Você realmente achou que seria capaz de escapar de mim?"

Em segundos, ele nos escondeu em um beco escuro perto de um prédio de tijolos. Estou lutando, mas é inútil. Ele é forte demais para mim, e tudo o que aprendi sobre autodefesa desaparece da minha cabeça.

Eu me debato em seu aperto quando ele prende meu pulso em volta da minha cabeça, me pressionando contra o tijolo frio e áspero. Nossos rostos se aproximam perigosamente. É estranho porque ele parece que... como se... Ele me conhece. Este não é um ataque aleatório. Mas eu nunca vi esse homem na minha vida — eu me lembraria de alguém tão devastadoramente masculino, bonito e *assustador* ...

Eu me contorço ao sentir o calor irradiando dele. "Você estragou tudo", ele diz, balançando a cabeça para mim com olhos escuros que prometem uma retribuição cruel.

"Você vai pagar pelo que fez."

"Eu?", ofego. "Eu nem sei quem você é."

Ele demora um instante para rosnar furioso para mim, mas é tudo o que preciso — aquela fração de segundo. Miro na virilha dele, mas mal consigo acertar o golpe. *Merda*. Ele se atrapalha, tentando me agarrar, mas já estou correndo em direção à rua.

Pessoas. Carros. Multidões.

Preciso atravessar a rua e torcer para que ele fique preso no trânsito. Eu consigo. Consigo se eu forçar com a última gota de energia que tenho, e então, quando chegar à rua, posso me misturar à multidão que se aglomera ao redor da Praça Vermelha. Eu sei que consigo. Corro para a rua e ouço o som de uma buzina. Um estrondo. Uma dor lancinante e lancinante, um rugido profundo de raiva atrás de mim... e então escuridão.



Capítulo 5

POLINA

NÃO ME LEMBRO DE TER SENTIDO TANTA dor — está gravada nos meus ossos, implacável e implacável. Esmagadora. Minha cabeça parece três vezes maior que o normal, e meu ombro e braço latejam sem parar. A pele do meu rosto arde, e algo está muito, muito errado com a minha perna.

O que aconteceu? Onde estou? Tento me lembrar de algo que me tranquilize, mas não consigo.

Mas há uma pergunta que me incomoda muito mais do que a dor: *Quem sou eu?*

Ouçoo vozes falando por cima de mim, mas não comigo, porque acham que ainda estou dormindo. Será que ainda estou dormindo? Meu estômago se revira com algo parecido com fome, e minha boca saliva. Sinto como se fosse vomitar. Tento abrir os olhos, mas eles parecem pesados demais. Uma coisa é certa: pelo menos não estou morta. Não parece possível que morte e dor tão intensas possam coexistir. Ou talvez seja só isso — talvez não haja nada além de dor após a morte.

Tento dormir. Minutos, horas, talvez dias depois, tento abrir os olhos novamente. Preciso de respostas. Quem sou eu, e por que parece que tudo o que eu conhecia desapareceu?

Desta vez, consigo abrir um pouco os olhos, mesmo que isso pareça exigir cada grama da minha energia. Vejo alguém sentado à minha frente, com longos cabelos castanho-avermelhados que não reconheço, e o interior de uma sala bem mobiliada que é igualmente desconhecida. Olho para o meu corpo, na esperança de reconhecer algo. Encaro minhas mãos. Os dedos são longos, as unhas aparadas, pintadas com uma ponta de branco. Como se chama isso? Não me lembro. Há um lençol branco sobre mim e, do lado esquerdo, algo se projeta sob o lençol. Por que meu lado esquerdo é tão maior que o direito? Consigo ouvir vozes graves e agudas, mas nenhuma delas me é familiar. Isso me apavora porque *nada* me é familiar.

"Acho que ela está acordando."

Pisco, abro os olhos novamente e percebo que o que pensei estar vendo era apenas imaginação, minha consciência semiconsciente. Porque minhas mãos *não estão* à minha frente. Estão amarradas à cama, algemadas com metal. Ofego e tento mover as pernas, mas percebo que elas também estão algemadas.

Abro a boca para falar, mas nada sai.

"Não resista." A voz pertence à mulher baixinha ao meu lado. Nem sei se posso chamá-la de mulher. Garota? Ela é definitivamente mais nova do que eu, mas eu não saberia dizer a minha idade, não importa o que você me dissesse. "Não fale agora. Você está em recuperação."

Recuperação de... o quê? Fiz cirurgia? Deve ser isso. Fiz cirurgia e me deram um remédio que fez meu cérebro esquecer tudo por um tempinho. Respiro pelo nariz e... Expire. Em breve, voltará. Vou me lembrar por que estou aqui.

Qual é o meu nome? Eu nunca soube o quanto era importante lembrar do meu nome até que não consegui mais.

Puxo meu pulso, mas o metal não cede. Puxo meus tornozelos, e é a mesma coisa. Preciso de ajuda. Ignoro o conselho dela porque tenho algo a dizer.

"Por que estou assim?" Minha voz falha.

A jovem parece preocupada.

"Você realmente não sabe?"

Balanço a cabeça, mas dói. Parece que meu cérebro vai explodir para fora do crânio.

"Deixa pra lá. Teremos tempo para isso. Me diz, você está com dor?"

Finalmente, algo que posso responder. "Sim. Tanta dor." As palavras saem em russo.

Eu falo russo. Eu entendo russo. Algo em que posso me apoiar.

"Ela precisa de morfina", diz a jovem baixinho. Não notei a outra pessoa na sala, vestida de branco.

"Não", respondo, com a voz trêmula. Sei que a morfina vai me desorientar, e não preciso ficar ainda mais desorientada.

A jovem, que está nas sombras — não sei quem ela é —, encara um homem ao seu lado. Eu pisco. Não percebi que havia mais alguém na sala. "Senhor?"

Ela está pedindo permissão a ele? Espera aí. Eu conheço esse homem? Ele é alto, largo e imponente, mais alto que as duas mulheres.

"Nada de morfina", ele diz num rosnado baixo. "Nada de analgésicos."

Sem analgésicos? Estou presa a esta cama e não me é permitido tomar nada para a dor. Há um momento, pensei em não tomá-los, mas não poder tomá-los é outro nível de crueldade. Olho para o homem, tentando identificá-lo, mas ele está obscuro e desconhecido.

A voz da garota treme enquanto ela protesta. "Rafail, isso é muito cruel."

Não sei o nome Rafail. Mas nem sei o *meu* nome.

"Desde quando eu me importo com isso?", ele rosna, desviando o olhar do olhar depreciativo que ela lhe lança.

"Por favor", eu digo, com a voz trêmula. "Alguém me diga como cheguei aqui. Quem eu sou. O que aconteceu?"

O homem sai das sombras. Percebo o ângulo agudo de seu maxilar, a frieza absoluta em seus olhos cruéis. Por algum motivo, ele vibra com uma raiva mal controlada, direcionada diretamente a *mim*.

"Espere", diz a mulher, preocupada. "Ela não sabe quem é."

Seu dar de ombros despreocupado me incomoda. "Nada fora do comum." Voltando-se para a mulher de branco, ele ordena: "Deem água e comida para ela manter a energia. *Nada de morfina.*"

Observo enquanto ela prepara uma espécie de coquetel para mim com dedos hábeis.

Perguntas me perseguem. Abro a boca para falar com a mulher, mas ela está me observando. Não confio em ninguém neste mundo. Quarto. Meus instintos me dizem que posso pelo menos confiar no gentil, mas eu nem sei quem eu sou. Será que posso confiar nos meus instintos?

Enquanto conversam em voz baixa, anoto tudo o que posso. Primeiro, sou acorrentado a uma cama. A mulher ao meu lado é bastante simpática, mas obedece ao homem grande e musculoso.

Aquele cara é gato. Devastadora e perigosamente bonito, ainda que cruel. Decididamente acostumado a conseguir o que quer, ao que parece, e por algum motivo, que é extremamente confuso para mim, ele me odeia. Ele é obviamente poderoso, então só posso presumir que fiz algo para ofendê-lo. Pena que não tenho ideia do que seja.

Mas como essa jovem ao meu lado parece uma aliada, talvez eu possa usar sua gentileza a meu favor.

Supero o desconforto e uso a voz. Dói. Quem diria que falar poderia doer de verdade? Mas meu peito aperta e minha garganta fica seca. "Há quanto tempo estou aqui?" Começo com uma pergunta fácil. Algo que deveria ser simples o suficiente para ela responder sem temer a ira do homem.

Ela se inclina, com a voz gentil. "Você veio aqui ontem à noite e dormiu o dia todo."

Não vai demorar muito, então. Como cheguei aqui?

Quando ele se aproxima de mim, a jovem se senta mais ereta, com os olhos arregalados de medo. "Rafail", ela diz, suplicante.

"Você sabe o que ela fez. Não vou ser gentil", ele diz, rosnando. "Preciso te dispensar dos cuidados dela?"

"Não", ela sussurra, com o rosto dolorido enquanto se vira.

"Eu prometo. Não vou machucá-la na sua frente."

Pisco em choque. Na frente dela? O que ele vai fazer quando estiver sozinha comigo?

Ele paira sobre mim como um dragão cuspidor de fogo, e eu me encolho nos lençóis. *Não vou ser gentil*. Quem é ele? Quem sou *eu*? O que eu fiz para enfurecê-lo?

Ele é alto e inflexível, seu corpo grande preenchendo o espaço entre nós. Sou ofuscada por ele. Seu rosto é todo ângulos agudos e contornos definidos — olhos castanho-escuros me encarando, um maxilar esculpido cerrado em uma raiva mal contida, uma boca carnuda pressionada em uma linha cruel como se ele estivesse segurando mil coisas que quer atirar em mim. Uma barba por fazer escura adorna seu maxilar afilado, adicionando um toque cru, perigoso e masculino à sua aparência impecável.

Seus olhos são escuros e intensos, de um negro profundo e sem fundo que parece absorver tudo, prendendo-me no lugar. São frios, mas algo como fogo arde em suas profundezas. Ombros largos preenchem uma camisa social branca bem passada, seus músculos tensionando o tecido. Um homem feito para dominar. Força. Um homem feito para a *guerra*.

Olho fixamente para seus braços musculosos, mãos grandes e capazes, uma cerrada ao lado do corpo enquanto a outra repousa na beira da cama, me prendendo como se as algemas não bastassem. Inclinando-se, ele inspeciona meus ferimentos em silêncio, como se... como se eu pertencesse a ele. É desconcertante. Não, é aterrorizante.

"Quem é você?", sussurro quando ele passa os dedos pelo meu queixo, o polegar roçando meus lábios. O medo acelera meu pulso e tento me virar, mas não consigo. O toque é tão... íntimo. Possessivo. E ele é um estranho para mim.

Uma sombra atravessa seu rosto. Franzindo a testa, ele me pergunta: "Você realmente não sabe?"

Balanço a cabeça. A dor explode no meu crânio e na minha nuca. Estremeço.

Movendo a mão para segurar minha bochecha, ele sussurra para mim: "Tudo o que você precisa saber é que você é minha e não vai a lugar nenhum agora."

Estremeço com o seu toque, consumida por uma estranha mistura de medo e curiosidade. Antes de me soltar, ele me dá um beijo na testa, mas não é nada terno. É como se estivesse me mostrando que *consegue*. Um toque ardente que parece mais uma declaração do que uma carícia, mais uma reivindicação do que afeição.

Virando-se, ele caminha em direção à porta, deixando-me com a jovem. Garota?

"Estou com tanta dor", digo em voz baixa para a jovem. "Você acha mesmo necessário que eu fique acorrentada a esta cama?"

"Acho que é necessário fazer tudo o que meu irmão me disser", diz ela baixinho. "E logo você aprenderá que isso também vale para você."

O irmão dela. Agora estamos chegando a algum lugar.

Eu continuo. "É desconfortável estar acorrentado assim."

Com uma expressão de desgosto, ela torce a mão por uma fração de segundo antes de assentir. "Sim, eu sei. Me desculpe. Eu realmente não posso deixar você ir."

Lágrimas cegam meus olhos. Não me lembro de ter me sentido tão impotente, mas, por outro lado, não me lembro de quase nada. É como acordar de um pesadelo e perceber que ainda estou sonhando.

Respiro fundo e solto o ar.

"Qual é o seu nome?", pergunto baixinho. Ela consegue responder? Seus olhos castanhos são suaves como os de uma corça, e seu rosto magro, tenso.

"Zoya", ela sussurra.

Faço a pergunta que me atormenta, com a voz trêmula: "Qual é o meu?"



Capítulo 6

RAFAIL

CAMINHO pelos corredores do lado de fora do quarto de hóspedes onde minha noiva está presa.

Zoya me agradeceu por permitir que ela cuidasse dela, então talvez tenha sido a escolha certa. Quando a trouxemos para casa, ela me implorou. Minha irmã mais nova se safava de tudo. Não consigo evitar. Ela era apenas uma criança quando nossos pais morreram e sempre me procurou em busca de orientação. Ela é a única inocente da nossa família.

Ao contrário das outras, Zoya era jovem demais para se lembrar da morte dos nossos pais e cresceu isolada dos acontecimentos mais sombrios da nossa vida familiar. Ela é doce, ingênua, protegida do submundo, e às vezes me pergunto se ela sabe mais do que deixa transparecer. Zoya tem um coração e é profundamente empática — alguém precisa ser.

Meus irmãos me dizem que eu a mim, que exijo deles padrões que não exijo dela nem da minha irmã Yana. Talvez eles tenham razão. Talvez eu tenha, e a proteja. Então, quando ela... me pediu para cuidar da minha noiva, eu deixei. Alguém precisa manter um fio de humanidade por aqui. Deus sabe que não sou eu quem vai fazer isso. Acho que eles estão particularmente bravos por eu ser mais brando com a Yana, mas tenho um bom motivo. Ela lutou uma batalha árdua a maior parte da vida e, para ela, mais do que para o resto de nós, a morte do meu pai foi, pelo menos em parte, um golpe de sorte.

Meu telefone vibra com uma mensagem. Eu o abro

Zoya

Rafail, ela realmente não sabe quem é. O que eu faço?

Ela não sabe quem ela é? O quê?

Eu respondi a mensagem.

"Espere. Quero testar essa teoria."

Ela não responde. Ela não sabe quem é? Preciso sair e tomar um ar fresco. É a primeira vez que saio do lado dela desde que a trouxe para casa ontem à noite. Preciso atualizar meus irmãos.

Olho pelas grandes janelas perto do saguão. Cada andar tem uma varanda com vista para a grama verdejante lá embaixo. Gosto de estar em uma varanda quando preciso pensar, quando preciso planejar. A casa isolada, a propriedade da família que me foi passada e deixada sob meus cuidados, fica nos arredores de Moscou, em Zalivka, longe o suficiente dos olhos do público para nos dar privacidade e segurança, mas perto o suficiente da cidade para que eu possa administrar tudo. É cercada por hectares de terras privadas e florestas — uma barreira natural que lhe confere uma atmosfera de fortaleza. E eu adoro isso.

Fiz o que pude para tornar este lugar uma fortaleza, um baluarte, mas ainda assim um lar de família, apesar dos muros imponentes, dos grossos portões de ferro forjado e dos corredores labirínticos.

Abro a porta da sacada e encontro meu avô sentado com Vadim — Vadka, para abreviar. Meu melhor amigo e tenente mais leal.

Robusto e de constituição sólida, com uma barba por fazer perpétua, Vadka é durão, mas tem um sorriso amigável quando está perto de pessoas em quem confia. Como meu avô. Como eu.

Ao lado de Vadka, meu avô é pequeno e frágil, com olhos ternos e voz suave. Ele anda com uma bengala, curvado, mas ainda mantém um ar de dignidade. O pai da minha mãe é o único avô vivo que nos resta. Esses dois são meus conselheiros mais confiáveis e, embora eu raramente peça conselhos, há hora e lugar para eles.

"Meu filho", diz meu avô com sua voz trêmula e áspera. "Você parece ter visto um fantasma."

Vadka se recosta na cadeira e toma um gole de uma garrafa. "Não sei se eu o descreveria assim. Parece que ele está bravo." Ele inclina a cabeça para o lado. "Alguém arranhou seu carro de novo, chefe?"

Ele é o único que eu deixo escapar com essas besteiras. "Tem outra?", pergunto. Claro que tem. Ele pega a bebida gelada do chão ao lado, abre a tampa e me entrega.

Engulo metade antes de falar. Engulo em seco e suspiro, olhando para a sacada. "Ela não se lembra de quem é."

"Sério", diz Vadka, com os olhos arregalados. Meu avô não responde de imediato, embora suas espessas sobrelhas grisalhas se juntem.

"Você tem certeza disso?" ele diz calmamente.

"É o que Zoya me diz. Preciso testar."

Meu avô assente pensativamente, acariciando os fios grisalhos do queixo. "Com certeza. O que ela ganha fingindo que não sabe quem é?"

"Tudo", eu respondo bruscamente.

Ele levanta a mão antes que eu continue. "Calma, filho. Pense. O que ela ganha se for sua noiva? Sua ira. A falta de liberdade dela. Punição."

Eu o interrompo. "Sim. Claro. Ela mereceu isso colocando toda a nossa família em risco." Ele balança a cabeça e levanta a palma da mão.

"Você não precisa me explicar o que está em jogo ou por que está com raiva." Ele não aprova nosso império criminoso, mas entende que seus netos foram empurrados para uma vida da qual não conseguimos escapar. Ele é a presença calma em nossa família, oferecendo sabedoria em um mundo repleto de brutalidade.

"Se ela não sabe quem ela é, ela escapa de alguma coisa?"

Balanço a cabeça. "Não."

"Então é lógico que ela não tem nada a ganhar mentindo, correto?"

Engulo em seco. "Correto."

"Mas pense no que *você* ganha se ela não se lembrar de quem ela é."

Penso, remoendo as possibilidades em minha mente como se estivesse segurando joias na palma da mão, cada faceta refletindo a luz do sol. "Uma nova história."

O avô sorri. Ele pode desprezar o crime organizado e evitar a Bratva, mas se encaixa perfeitamente.

Meus pensamentos disparam.

"Se ela não sabe quem é", continuo, "talvez nunca tenha me abandonado. Já somos casados. A família dela não sabe que ela escapou; ninguém sabe. Espalho a notícia de uma cerimônia secreta para que a notícia se espalhe."

"Você vai fazer ela usar o seu anel", Vadka acrescenta. "Aquele que ela perdeu no acidente." Ele ri baixinho. "Eu adoro como a sua mente perversa funciona."

O avô nos observa com interesse. "Claro, todos precisam estar cientes disso. Vocês têm certeza de que a mentira é o caminho para continuar?"

Encaro-o, com a raiva à flor da pele. "Ela me deu um bolo. Ela colocou em risco tudo o que eu conquistei. Estou fazendo um favor a ela se pularmos direto para o casamento, e agora ela está casada comigo."

Meu avô assente pensativamente, com as pontas dos dedos pressionadas. "Justo. E se a memória dela voltar?"

"Até lá, será tarde demais." Faço uma careta. "Ela será *minha*."

O avô continua assentindo, com as sobrancelhas espessas e brancas franzidas. "Precisamos de detalhes sobre como a memória dela pode funcionar."

Mesmo consumida pela incerteza, preciso manter o controle. Então, ligo para o Dr. Zuta, um colega de confiança. O sol do meio-dia está alto no horizonte quando ele finalmente atende. Minha voz é baixa, mas firme, o peso da minha preocupação me pressionando. Preciso saber se a perda de memória dela é genuína. Preciso discernir se ela está mentindo ou não.

"Sr. Kopolov, a que devo esse prazer?" pergunta o médico.

Explico rapidamente o que aconteceu. "Então você precisa determinar se está lidando com amnésia", resume o médico. "Neste caso, se ela realmente sofreu um trauma, não é incomum que as memórias fiquem fragmentadas ou temporariamente inacessíveis. Ela pode estar confusa ou ter falhas de memória, e não há como testar se ela está mentindo. O que você precisa fazer é observar as inconsistências. Mas tome cuidado, não force demais, ou poderá causar mais danos."

Meu maxilar se contrai. Não sou alguém que sofre com incertezas e desprezo a ambiguidade das palavras do médico. Minha mente se lembra de Anissa — aqueles olhos frágeis e assustadoramente familiares. Ou será que seus olhos estavam arregalados *demais*? Há algo nela em que eu possa confiar?

"E se ela estiver mentindo?", pergunto, com a mão fechada em punho e a voz mais fria agora. Tento esconder o desespero nas minhas palavras. Passei de perseguir a noiva que me deu um bolo para ter uma que pode estar me enganando.

"Não há nenhuma maneira médica de provar isso", responde o médico. "Mas, à medida que as memórias dela retornarem — e elas podem muito bem retornar —, pode haver mudanças de comportamento. Talvez ela reaja a você de forma diferente. Apenas trate-a com cuidado por enquanto. A mente dela precisa de tempo para se curar."

Contenho um rosnado, contendo minha raiva com dificuldade. Talvez essa não seja a chance que eu esperava. "Dê-me exemplos de inconsistências para ficar de olho."

"Nomes, parentescos", diz ele. "Veja se ela se lembra se tem irmãos ou irmãs. Você pode observar como ela se comporta em ambientes familiares."

Não sei muito sobre ela. Isso vai ter que mudar.

Em casos graves de amnésia, ela tinha dificuldade para realizar tarefas básicas do dia a dia, como se orientar na cozinha. Mas, se ela se movimentasse com facilidade, poderia estar se lembrando de mais coisas do que deixa transparecer. Pergunte a ela sobre sua comida favorita, suas opiniões sobre as coisas. Veja se a memória dela está intacta.

Certo.

Ela pode ter algumas respostas emocionais, hábitos involuntários, memória muscular — coisas assim. O olfato pode ser poderoso. Mas lembre-se de que uma memória desencadeada não indica necessariamente que ela esteja mentindo.

Entendo. Minha mente gira em meio a possibilidades, ansiosa para usar esse conhecimento para fortalecer ainda mais meu controle sobre minha... noiva. "Obrigada pelo seu tempo."

Envio uma mensagem para toda a minha família e para todos no meu círculo de confiança.

Anissa não se lembra de quem é. A partir deste momento, todos vocês a tratarão como minha esposa. É isso que ela é agora. Quero que fique bem claro, em alto e bom som, que minha esposa e eu fizemos nossos votos. Que a família dela saiba. Que todos saibam. Anissa é minha.

Com minha decisão tomada, volto para Zoya e Anissa.

Rodion responde.

Entendi. Você a ama nesse cenário? 🐱

Franzo a testa para a tela e balanço a cabeça. Será que ele vai aprender?

Claro que não.



Capítulo 7

“ANISSA”

ESTOU DEITADA na cama, olhando para a parede. Tentando me lembrar de quem sou ou por que estou aqui. É estranho ter uma vaga noção de identidade, de propósito, e ainda assim perceber que não consigo compreender nada disso. Acho que nossa identidade é algo que tomamos como garantido, a ordem natural das coisas, e quando ela se vai, é como se o sol tivesse se apagado e você não reconhecesse mais o campo de jogo.

Zoya, a menina doce que é, não me contou quase nada.

Observei enquanto ela abria a boca, depois olhava para o celular e o fechava imediatamente. Ela se levantou, andando de um lado para o outro aos pés da cama, e embora parecesse perplexa, não respondeu quando perguntei o que estava acontecendo.

Ela diz que meu nome é Anissa. Imagino que deva soar familiar, se esse for o meu nome, mas é completamente anormal, como um sapato que não serve direito.

Zoya se levanta e corre em minha direção, torcendo as mãos, embora sua voz seja firme e calma.

"O Rafail vai voltar para te ver. Ele vai responder às suas perguntas", diz ela, com uma dureza renovada na voz, como se estivesse zangada com ele.

"Ele lhe deu permissão para me soltar?"

Imagino que sou uma princesa capturada, com pessoas lá fora que me amam, vindo para me salvar de tudo o que está por vir.

Sinto-me frágil e dependente, e odeio isso.

"Pode perguntar ao Rafail", diz ela baixinho. "Ele é seu..." Ela balança a cabeça. "Não, vou deixar que ele te diga isso."

Ela se aproxima e aperta algo frio e pequeno na minha mão — um pequeno pingente de prata com a imagem de um pássaro voando. "Para dar sorte", murmura, olhando nervosamente para a porta como se fôssemos ser descobertos a qualquer momento. "Isto é seu. Ou era..." O delicado pássaro me parece estranhamente familiar, como um pedaço de um sonho perdido.

Sua voz treme. "Anissa, eu *sei que* ele pode ser assustador. Eu sei que ele é perigoso. Todos eles são, na verdade, mas acho que você vai gostar da Yana, e acho que ela vai entender..." Seu olhar se perde, assim como sua voz. "Mas você vai ficar bem." Apertando minha mão suavemente, seu tom é veemente. "Você é *forte*."

"Você também", sussurro, mesmo mal conhecendo essa mulher. Ela é pequena e frágil, e sei que tudo o que ela passou a tornou mais forte. Consigo ver isso em seus olhos.

Um sorriso irônico surge em seu rosto quando a porta se abre.

O ar fica gelado, me dando um arrepio na espinha. Está completamente parado.

Meu captor está de volta.

Agora que estou um pouco mais desperto, decido avaliar a situação. Ele tem talvez uns trinta e poucos anos, é alto e imponente, rude e perigoso. Seus olhos escuros e intensos parecem me atravessar. Atravessar qualquer pessoa, imagino, com aquele foco de laser. Ele tem um maxilar definido e maçãs do rosto salientes, e algo me diz que ele não é

estranho à violência. Tudo nele personifica poder bruto, mas há algo mais, algo familiar... Ele é um homem acostumado a ser obedecido.

Vestindo uma camiseta branca, jeans desbotado e botas de couro, ele me parece estranhamente familiar e, mesmo em trajas casuais, exala uma força física desenfreada. Seu cabelo castanho-escuro é um pouco longo demais, com um toque de cachos que pareceria brincalhão se não fosse por sua expressão fria e máscara de controle. A barba por fazer em seu queixo está em algum lugar entre o áspero e a barba por fazer, o suficiente para lhe dar a ponta de dominância que anseio. Estremeço. Ele é rude e implacável, sem dúvida.

Zoya não me disse nada, nada de substancial.

Ele se aproxima de mim e acomoda seu corpo enorme na pequena cadeira ao meu lado.

"Se sentindo melhor?" O tom áspero e raivoso de sua voz me deixa nervosa.

Balanço a cabeça. É como se meu cérebro estivesse batendo no crânio.

"Não", eu digo. "Não estou. Não me lembro de nada. Nem sei o nome *Anissa* ; é estranho para mim. Não sei por que estou nesta cama. E Zoya, por mais simpática que seja", corrijo porque ela é gentil, "não me conta nada".

"É porque eu ordenei que ela não fizesse isso", diz ele bruscamente. Ele acena para ela como se estivesse agradecendo silenciosamente pela obediência.

"Então você é o chefe aqui?" Não me preocupo em esconder meu desdém.

"Eu sou." Seu olhar frio e calculista me desafia a desafiá-lo.

Engulo em seco. "Tenho perguntas."

Olhos semicerrados encontram os meus, e ele fala num meio rosnado: "Tenho certeza que sim."

Franzindo a testa, tento me sentar, mas é impossível com meus pulsos presos. No entanto, consigo manter a voz firme e firme. Não sei quem é esse babaca incrivelmente bonito, mas gostaria de descobrir o mais rápido possível.

"Você age como se me odiasse, e eu nem sei quem você é. Então me faça um favor e me explique para que eu saiba se devo odiá-lo de volta e decidir se sua falta de hospitalidade é justificada."

"Falta de hospitalidade?", ele rosna. "Você está aquecido e alimentado, e isso é mais do que merece."

Franzo os lábios. "Não sei muito, mas posso dizer com segurança que você e eu temos conceitos muito diferentes de *hospitalidade*. Então, por que não me conta o que eu supostamente fiz, já que é um ponto óbvio de discórdia entre nós?"

Apesar da expressão estoica, uma leve surpresa transparece em seus olhos antes que ele se incline para a frente. Erguendo-se em toda a sua altura, quase espero que ele faça algo drástico, mas ele apenas me encara como se estivesse me avaliando.

Foi então que notei que ele tinha uma pequena chave de metal prateada na mão. Graças a Deus.

Mas ele não tem pressa. Ele demora para me destrancar, suas mãos roçando as minhas. Dedos ásperos roçam a pele macia dos meus pulsos enquanto ele as alcança acima da minha cabeça e enfia a chave. Com um clique suave, meus pulsos se soltam. Meu Deus, como é bom poder movê-los de novo, mesmo doendo.

Silenciosamente, ainda de cara feia, ele segura meus pulsos com suas mãos grandes e ásperas e massageia a pele irritada com os polegares. Tento me afastar, sentar, mas ele me empurra de volta para baixo com uma mão firme no meu ombro.

Engulo em seco e o encaro. Não estou nem perto de ser livre, mesmo estando livre. Solto um suspiro trêmulo.

Inclinando-se, sua voz é um murmúrio baixo e perigoso, cada palavra uma promessa e uma ameaça. "Você diz que não sabe quem eu sou. Nós vamos cobrir isso. Vou explicar em detalhes o que espero de você. Você foi trazido aqui porque fugiu de mim, e eu tinha que garantir que isso nunca mais acontecesse."

Eu pisco para ele. "Como?"

Ele diz tudo isso como se fosse apenas um fato. Com os olhos semicerrados, ele balança a cabeça. "Você acha que isso é cruel, você estar acorrentado a uma cama? Desobedeça-me novamente, fuja de mim novamente, e você verá em primeira mão o que é crueldade de verdade."

Meu queixo cai quando sua mão desliza para o meu pescoço, seu polegar pressionando meu pulso, o suficiente para dificultar um pouco a respiração. Estou presa em seu olhar, presa no lugar por sua presença opressiva e consumidora.

Olho para ele com desconfiança. Posso não saber muito sobre a minha situação atual, mas sei de uma coisa: ninguém prende ninguém com tanta segurança, com tanto desconforto, só para mantê-lo *seguro*.

O que diabos eu fiz com esse estranho?

"Meus tornozelos também", lembro-o baixinho. Ele afasta o lençol da cama, e minhas bochechas imediatamente esquentam quando percebo que estou vestindo apenas uma camiseta curta e uma calcinha. Meus instintos me dizem para me cobrir.

"Evacuem esta sala", ele grita para todos enquanto me cobre com o lençol. Todos se apressam em obedecer, até a pequena Zoya.

Estamos sozinhos. Olho para o meu captor, seus olhos raivosos fixos nos meus. "Eu sei que você diz que não se lembra de quem é, mas eu não acredito. É difícil imaginar que alguém se esqueça do próprio marido tão facilmente."

Meu cérebro mal consegue alcançar as palavras. *Marido ?*

"Não posso ser sua esposa", sussurro, tentando retrucar uma desculpa. "Não tenho... não tenho aliança", digo, descontrolada. Uma esposa não usa aliança? "E você me amarrou *a* esta cama. Quem *faz* isso com a esposa?"

"Um homem com medo de que ela fuja novamente quando tiver a oportunidade."

Olho para ele, horrorizada.

"Eu corri?"

Ele enfia a mão no bolso com um sorriso que não alcança os olhos, mas que parece quase calculista. "Você perdeu seu anel no acidente. Mas eu o tenho aqui. E eu te disse, eu te contive para que você não fugisse de novo."

Marido... Ainda estou me recuperando da notícia. Este homem aparentemente rico, poderoso e perigoso é meu... *marido ? O quê ?*

Eu supostamente estou em um dos relacionamentos mais íntimos que duas pessoas podem ter, mas ele é um completo estranho.

Zoya disse que meu nome é Anissa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Unleashed: A Dark Enemies-to-Lovers Br..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).